

# Psicanálise relacional contemporânea: uma nova maneira de trabalhar em psicanálise<sup>1</sup>

Pedro Gomes<sup>2</sup>

**Resumo:** O autor apresenta um resumo histórico sobre a psicologia psicanalítica do *self*, de Heinz Kohut, e do aparecimento da concepção relacional de Stephan Mitchell e Jay Greenberg na psicanálise norte-americana dos anos 80, que, junto às concepções intersubjetivistas, especialmente as de Robert Storolow e seus colaboradores, levaram-na a outro patamar conceitual, firmando um novo paradigma. O artigo menciona as diversas correntes teóricas dentro desse novo conceito de correlacionalidade, estabelecendo semelhanças e divergências entre elas, enfatizando sobretudo as diferenças quanto à escuta psicanalítica e considerando as vantagens e desvantagens de cada corrente.

**Palavras-chave:** relacionalidade; contextualismo; subjetividade.

## Resumo histórico

A psicologia psicanalítica do *self* nasceu em Chicago, criada por Heinz Kohut, cujas idéias apresentadas aos psicanalistas de Chicago nos anos 60, não tiveram boa acolhida, como todas as novas idéias. Mas Kohut, nessa época, tinha uma posição pessoal de muito prestígio, pois já era ou seria brevemente presidente da American Psychoanalytic Association e candidato à presidência da IPA, sendo, além disso, apadrinhado por Anna Freud.

Ele se cercou de pessoas mais jovens – supervisionandos e alunos do Instituto de Formação Psicanalítica, onde dava aulas de metapsicologia freudiana. Foi apoiado por eles, mas também por alguns colegas mais graduados na época, entre os quais estava seu parceiro desde sempre, Ernest Wolff, vivo até hoje. Esse grupo ouvia e comentava os trabalhos que Kohut produzia e também apreciava os trabalhos dos membros mais jovens.

A psicologia psicanalítica do *self* começa na década de 60 com um Kohut insatisfeito e preocupado com os rumos da psicanálise norte-americana. Esta explicava fatos psicanalíticos com base em teorias advindas de ciências afins, como a sociologia e a psicologia social, que, segundo ele, tiravam o foco do essencialmente psicanalítico. Kohut defendia a pureza

<sup>1</sup> Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas 2007 (9 e 10 de fevereiro) da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, Lisboa.

<sup>2</sup> Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ); membro fundador da Associação Brasileira para o Estudo da Psicologia Psicanalítica do Self (ABEPPS).

da psicanálise, considerando psicanálise aquilo que se passava no campo formado por duas pessoas – analista e paciente. A psicanálise da época colocava o analista distante do paciente, e não se tinha a noção de um campo relacional, apenas das transferências.

Kohut observou também que certos pacientes não se beneficiavam da técnica disponível na época, fundamentada na teoria do narcisismo – as pessoas usavam defesas para evitar o reconhecimento do terceiro, fixando-se na díade narcisista. Resistência era o conceito vigente: o narcisista não queria romper a simbiose e resistia ao reconhecimento de um terceiro.

Kohut, tratando dessas pessoas, foi, pouco a pouco, levado a crer que deveria haver uma explicação diferente desta, de uma resistência. Tentou falar sobre isso com colegas mais experientes, mas não foi bem aceito pelo *establishment* psicanalítico. Passou, então, a pensar que esses pacientes não estavam aferrados à situação narcisista por excesso de investimento libidinal e que, por isso, não queriam abandoná-la para reconhecer o terceiro, evitando assim a situação edípica. Pensou que se aferravam à situação a dois não porque quisessem, mas porque estavam aprisionados nessa condição, isto é, talvez eles até quisessem sair da díade, mas não podiam. Com isso, mudou o enfoque do trabalho com o paciente narcísico, que deixava de ser aquele que não queria sair da ilusão da dupla por esta dar sempre a ilusão de completude. A idéia que começou a ser elaborada foi a de que as pessoas que tinham esses transtornos não conseguiam sair da díade aprisionante por não terem a sua volta um ambiente psicanalítico empático, capaz de oferecer respostas favorecedoras do desenvolvimento.

Com essa observação clínica, Kohut começou a fazer conjecturas teóricas que culminaram numa nova maneira de entender os destinos da libido narcisista. Nos anos 68-69, criou o conceito de *situações semelhantes à transferência*. Não rompeu com a teoria clássica, mas acrescentou uma espécie de extensão para dar conta de certos pacientes que não eram neuróticos e que na análise faziam transferência de um tipo diferente – logo, devendo ser analisáveis de também maneira diversa. Tratava-se de uma tentativa de ampliar a teoria para entender e tratar pacientes que até então não obtinham no tratamento nenhuma resposta diferente daquelas oferecidas pelo modo de pensar e trabalhar tradicional. Kohut publica algumas pesquisas sobre o assunto e começa a receber mais pacientes com esse tipo de perturbação narcisista. Vai então acumulando experiências clínicas e alargando a teorização: na teoria, propõe uma nova forma de entender o narcisismo; na técnica, propõe a valorização da empatia, que passa a ser vista como o verdadeiro método psicanalítico de apreensão dos fatos.

A libido narcisista terá uma terceira via, à parte catexizar o *self* ou o objeto: a de catexizar o objeto como parte indiferenciada do *self*. E por que seria assim? Para Kohut, o *self* não toleraria a dor da separação e, então, esse *self* criaria a ilusão de que continua um só, sem sofrer a separação do nascimento. Para dar conta de suprir a falta, o ambiente psicológico empático deve acolher e sustentar essa ilusão de completude; do contrário, o *self* não se sustenta e se fragmenta. Trata-se de uma outra via para a evolução do narcisismo, até o reconhecimento do outro como separado.

Na teoria, Kohut afirma que uma parte da libido sempre permanece vinculada ao *self* – isto é, investimento libidinal no eu, que permite o crescimento –, outra parte catexiza o objeto não reconhecido como separado, o *selfobjeto*, e uma terceira parte, menos importante, reconhece o outro como tal.

Mais tarde, ele descreverá as relações que os pacientes narcisistas fazem em análise, decorrendo daí a teoria da evolução e formação do *self*, que representava também, em paralelo,

uma tentativa de purificar a análise de influências conceituais oriundas de outras ciências. Esse percurso aconteceu no Instituto Psicanalítico de Chicago, na década de 70.

Kohut criou o conceito de *self* como uma entidade no aparelho psíquico de Freud, uma espécie de novo objeto. Depois, em 1977, trouxe o *self* para fora do aparelho psíquico e o definiu como uma entidade supradeterminada. O *self* passou a ser considerado uma entidade autônoma, um centro de recepção de estímulos e de promoção das ações, tendo como base formadora os talentos e aptidões inatas. Desse modo, definiu o *self* como um constructo teórico que seria o lugar onde se encontrariam a biologia e as demandas relacionais, criando-se um nível permanente de tensões geradora de ações. A partir daí, a psicologia do *self* foi enriquecida com contribuições de outras pessoas interessadas em seu pensamento, embora não necessariamente identificadas com ele.

O grupo que mais influenciou o desenvolvimento da proposta de Kohut foi o de psicólogos formados em Harvard – Storolow e Atwood –, que a tornaram mais relacional. Assim, progressivamente a psicologia do *self* foi se desenvolvendo, havendo um momento, no final do século XX e início do século XXI, em que foi possível identificar no movimento seis linhas teóricas divergentes em certas particularidades, pois cada uma focava uma parte da obra inicial de Kohut e a desenvolvia. Depois de Chicago, a psicologia do *self* se desenvolveu em Nova York, onde viviam Storolow e Atwood, e em Los Angeles, onde morava Brandchaft.

Nos anos 80, um grupo de autores americanos – cujo expoente foi Stephen Mitchell, admirador da teoria das relações de objeto dos autores ingleses – enfatizará as relações de objeto que se passam dentro do eu, diferentemente da teoria adotada no país, que focalizava o que se passava fora do indivíduo. Relação de objeto, para os americanos, significava *eu e você* reais, influenciando-se mutuamente. Relação de objeto, para os ingleses, era *você e eu*, criando relações que se passavam internamente.

Stephen Mitchell e Jay Greenberg criaram uma *concepção relacional* em psicanálise, procurando integrar as teorias inglesas e americanas de relações objetais. Esses autores foram convidados pela Universidade de Nova York, que criou uma cadeira de pós-doutoramento avançado em psicanálise, agregando nessa área algumas das maiores expressões da psicanálise americana, de várias tendências teóricas, segundo pesquisa de Fosshage.

A psicologia do *self* se tornou cada vez mais relacional com a participação dos inter-subjetivistas, com a influência do grupo relacional e de alguns psicanalistas do *self*. Embora a psicanálise relacional seja um movimento autônomo nas suas origens, em determinado momento começou-se a observar concordâncias com a psicologia do *self* quanto aos objetivos da psicanálise, que seria entender a relacionalidade. Isto é, como uma pessoa influi na vida de outra, na formação de um *self*, na análise, na formação de um campo no tratamento. Existe certo paralelismo na história das idéias da psicologia do *self* e das idéias das teorias relacionais – hoje denominada *teoria relacional norte-americana* –, as quais combinam o externo, tradicionalmente americano, com o interno, advindo da psicanálise inglesa.

Um grupo percebeu interesses e pontos de contato entre os dois movimentos, abordando então suas afinidades e semelhanças. Hoje há um conjunto de psicanalistas que talvez seja o que mais cresce nos Estados Unidos e o que tem maior repercussão: os relacionistas. Eles passaram a freqüentar congressos uns dos outros, com interesses semelhantes em tópicos como a formação de um indivíduo, na medida em que acreditam ser ela decorrente

não de uma mente autônoma e, sim, de relações da vida inteira. Esse é o território comum dos relacionistas. Nesse sentido, os psicólogos clássicos do *self* não são relacionistas na exata expressão do termo, mas os que vieram depois de Storolow, assim como outros jovens que foram atraídos por essas idéias relacionais, são, hoje, pessoas que mais convergem do que divergem de outro grupo dos relacionistas. Aditem que o ser humano não é uma mente monocórdica, não é um pensamento autônomo, mas se forma num contexto relacional. Essa é a idéia nuclear em que todos os psicanalistas relacionais se fundamentam.

## I.

Dois autores norte-americanos, Jay Greenberg e Stephen Mitchell (1983), usaram o termo “relacional” para aproximar conceitos de relações interpessoais desenvolvidos nos Estados Unidos por Harry Stack Sullivan, Eric Fromm e Clara Thompson, durante os anos de 1930 e 1940, com os de relações objetais desenvolvidos pelos teóricos ingleses contemporâneos. Aqueles conceitos, no entanto, se ampliaram, recebendo muitas outras influências e desenvolvimentos: a teoria subjetiva, o construtivismo social em suas várias formas, certas correntes da hermenêutica psicanalítica contemporânea, desenvolvimentos mais recentes na teorização sobre gênero, a centralidade da interação transferência-contratransferência em Merton Gill e a redescoberta do legado de Sandor Ferenczi.

O crescimento da psicanálise relacional foi fortemente estimulado pela Divisão de Psicanálise da Associação Americana de Psicologia, pela linha relacional do programa de pós-doutoramento em psicoterapia e psicanálise da Universidade de Nova York e pela publicação *Psychoanalytic Dialogues – A Journal of Relational Perspectives*. Dessa forma, desde meados dos anos 90, surgiu na psicanálise norte-americana uma corrente relacional com um conjunto particular de interesses, conceitos, aproximações e sensibilidades que transpuseram as fronteiras originais.

## II.

As principais correntes teóricas consideradas partes da psicanálise relacional contemporânea são: a psicologia psicanalítica do *self*, formulada por Heinz Kohut, a teoria da intersubjetividade, formulada por Stolorow, Atwood & Brandchaft, e a teoria relacional propriamente dita, formulada inicialmente por Stephen Mitchell e Jay Greenberg com a contribuição de vários autores, entre os quais citamos Neil Altman, Lewis Aron, Jessica Benjamin, Irwin Hoffman, Charles Spezzano, Phillip Bromberg, Jody Davies, Adriene Harris, Stuart Pizer e Donnell Stern, que têm em comum a influência das teorias inglesas de relações objetais, da teoria interpessoal norte-americana e das teorias feministas.

Todas postulam que “as relações com os outros constituem os blocos fundamentais na construção da vida mental”. O desenvolvimento normal e patológico, a transferência e a ação terapêutica, todos emergem dentro de sistemas interativos relacionais e são afetados por estes. O desvio paradigmático continuado do modelo intrapsíquico para os modelos do campo relacional se ancora em parte, na mudança de paradigma da ciência positivista para a ciência relativista ou do objetivismo para o construtivismo; ou, ainda, do constitucional para o relacional, predominantemente.

As teorias mencionadas têm em sua prática uma atenção prioritária para:

- ♦ a experiência subjetiva do paciente
- ♦ o culto da criatividade implícita na própria individualidade e na experiência singular do paciente
- ♦ o papel do analista como instrumento para a expansão da experiência de *self* do paciente

Irwin Hoffman, um dos autores citados, afirma que “um importante objetivo analítico é ajudar a construir a visão que nossos pacientes têm de si mesmos como agentes criativos e como pessoas que, enfim, merecem ser amadas”.

As premissas largamente aceitas pelos analistas relacionais e explicitadas por Jay Greenberg são as seguintes:

1. O analista influi na experiência do analisando de uma forma variada, muito mais do que se acreditava. Sugestão e influência pessoal tornaram-se áreas importantes na investigação psicanalítica.

2. O impacto do comportamento do analista nunca pode ser entendido enquanto está acontecendo. Em termos contemporâneos, a ação está sempre presente. A maior parte do trabalho em cada análise é entender, depois do fato ocorrido, o que transpirou de forma não examinada.

Nesse ponto, há divergências. Para alguns, as ações podem, eventualmente, ser entendidas e o inconsciente da dupla pode ser trazido à consciência; para outros, uma ação simplesmente continua noutra, com mudança sistemática, desenvolvendo-se mesmo na ausência de qualquer *insight* privilegiado sobre a intenção ou mesmo sobre o que aconteceu.

3. De acordo com este segundo ponto e contrariamente a Freud e seus seguidores, não há postura técnica que o analista possa adotar que garanta a criação de uma atmosfera previsível na análise. Neutralidade e abstinência, fundamentos da técnica clássica, são conceitos míticos e, portanto, sem valor.

A análise eficiente só pode ser conduzida no ritmo instável de vaivém que resulta das negociações dentro de cada díade. O objetivo dessas negociações é encontrar um modo de trabalhar exclusivamente para a díade, adequado a ambos os participantes. Mesmo que o analista se mantenha como observador, sua subjetividade é uma presença constante na análise.

Alguns pontos de divergência entre os relacionistas:

- |  |  |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>♦ O paciente traz algo, um inconsciente, que pode ser descoberto e conhecido na análise.</li> <li>♦ A objetividade é um mito porque não há nada que seja objetivo.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>♦ Todos os significados são construídos dentro da díade.</li> <li>♦ A memória e o desejo do analista nunca podem ser evitados ou bloqueados.</li> </ul> |
|--|--|

A contratransferência está no ar que o paciente respira: “Desconstrução de dicotomias enganosas e polarização exagerada. Ênfase em manter a tensão entre os extremos, na ambigüidade, no diálogo, na dialética e no paradoxo” (Jessica Benjamin); “O mais profundo

significado do termo “relacional” é que ele enfatiza relações entre pessoas externas e coisas e também entre personificações internas e representações” (Kant).

### III.

Kohut postulou uma direção geral de desenvolvimento intrínseca a cada indivíduo e delineou as possibilidades de múltiplos caminhos de desenvolvimento. Entretanto, os críticos relacionais percebem o programa de desenvolvimento de Kohut como exageradamente fixo, insuficientemente submetido à moldagem relacional.

Os relacionistas acreditam que o analista, dentro da perspectiva da psicologia de *self*, é visto apenas como um desencadeador da experiência *selfobjetal*, minimizando a participação dele e de sua subjetividade para o estabelecimento da noção de que analista e paciente são pessoas separadas.

Lischtamberg (1991) redefiniu *selfobjeto* como “aquele que propicia uma experiência vivificadora, capaz de realçar o self e não apenas aquele que reflete um conjunto de funções desempenhadas pelo outro”.

Os analistas do *self* contemporâneos vêem analista e analisando como co-criadores da experiência *selfobjetal*, que afeta a ambos.

Stephen Mitchell (1988), ao distinguir a teoria pulsional da relacional, observa que, naquela, anatomia é destino; o de fora é moldado pelo de dentro, pelas pressões pulsionais. No modelo relacional, a abordagem de dentro e os processos interpessoais – o de fora – constituem círculos perpétuos de influência mútua.

Para Mitchell (1988), embora os teóricos relacionais norte-americanos admitam a importância da biologia, a descrição que fazem dos fatores constitucionais é mais limitada, centrada em esforços fundamentais – motivação de apego (Mitchell, 1988, 1990) – e numa exigência de desenvolvimento para experiências com o outro como pessoa separada (Benjamin, 1988, 1990).

De um ponto de vista contemporâneo da psicologia do *self*, os relacionamentos *selfobjetais* certamente envolvem pessoas separadas. Hoffman (1983), entretanto, argumenta que a concepção de transferência *selfobjetal* de Kohut não é um modelo “social” de duas pessoas, pois se baseia na falta de diferenciação entre *self* e objeto. A avaliação de Hoffman baseia-se na divisão que Kohut fazia inicialmente entre as linhas de desenvolvimento narcísica e de relações objetais e, além disso, na suposição do próprio Hoffman de que todas as ligações *selfobjetais* envolvem uma fusão arcaica, isto é, falta a diferenciação de *self* e objeto.

Subseqüentemente, os psicólogos do *self* contemporâneos de modo geral aceitaram a proposição de Stern (1985) de que a discriminação entre *self* e objeto existe no nascimento, fazendo com que o conceito de fusão arcaica primária de Kohut não fosse mais viável para descrever um estado psíquico do início da vida. A expressão “fusão arcaica” ainda é utilizada por alguns psicólogos contemporâneos do *self* para designar fenomenologicamente um tipo de experiência psicológica na qual diminui a nitidez das fronteiras entre o *self* e o outro. Essas experiências podem ser vivificadoras (por exemplo, experiências românticas e espirituais) ou desvitalizadoras (por exemplo, a perda do sentido do *self* através da dominação por parte do outro).

O modelo de Kohut, comparado a outras teorias relacionais, destaca os componentes preestabelecidos (*pre-wired*) mais do que a teoria relacional norte-americana. O relativo

equilíbrio dos fatores constitucionais e relacionais do modelo de Kohut aproxima-se mais das teorias relacionais de Winnicott e Guntrip.

Os teóricos das duas abordagens têm contribuído para o desvio paradigmático em direção à teoria relacional, assim como têm promovido sua integração. Numa continuidade natureza/cultura, esses autores são mais próximos a Mitchell quanto à ênfase predominante no campo intersubjetivo ou relacional.

Como exemplo, os estudos escritos de Kohut contribuíram para deslocar a ênfase, dentro da teoria relacional – em seu sentido mais amplo –, de um foco singular na interpretação para a inclusão da criação conjunta de experiências relacionais necessárias ao desenvolvimento. Mitchell (1997) viu importantes elementos em comum entre a teoria interpessoal, a teoria de relações objetais e a psicologia do *self* em seus desenvolvimentos contemporâneos, destacando “a ênfase na experiência subjetiva do paciente, o culto da criatividade implícita na própria individualidade e na experiência singular do paciente, o papel do analista como instrumento para a expansão da experiência de *self* do paciente”.

Três questões fundamentais servem de pontos nodais de controvérsia e divergência entre os psicólogos do *self* e os teóricos relacionais:

- ♦ perspectivas de ouvir/experiência
- ♦ o conceito de *self*
- ♦ a ação terapêutica, focalizando as teorias da mudança e da participação do analista

A linha relacional do programa de pós-doutorado em psicanálise e psicoterapia da New York University propunha comparar diversos modelos relacionais, incluindo o de relações objetais e o da psicologia do *self*, isto é, o interpessoal e o da teoria relacional norte-americana que estavam surgindo.

A teoria de pulsão/estrutura foi contornada por Kohut e o desenvolvimento e a manutenção do *self* passaram a ser o modelo motivacional e de desenvolvimento que abrangia tudo. A formulação kohutiana final mais minuciosa dos pontos de vista sobre a ação terapêutica é apresentada em seu livro póstumo *How does analysis cure?* (1984).

Mitchell, arquiteto inicial da psicanálise relacional, ligou a tradição interpessoal americana e a de relações objetais subjetiva para formular seu modelo relacional, publicando o livro *Relational concepts in psychoanalysis* em 1988. Deu continuidade ao seu modelo relacional e a suas explorações clínicas em *Hope and dread* (1993), *Influence and autonomy in psychoanalysis* (1997), *Relationality* (2000) e em seu livro póstumo *Can love last?* (2002).

### **As perspectivas de ouvir/experienciar**

A psicanálise – em paralelo com o desenvolvimento iniciado pelo princípio da incerteza de Heisenberg da física das partículas e de acordo com as ciências em geral ao longo dos últimos cinquenta anos – vem sofrendo mudanças de paradigma da ciência positivista para a ciência relativista. Em consequência disso, não se pode mais ver a psicanálise como observadora objetiva, pois, à medida que percebem, os analistas moldam e organizam variavelmente suas percepções, constroem-nas perceptiva e interacionalmente. Em conformidade com a

integração dessa mudança paradigmática, para muitos psicanalistas, embora não para todos, a epistemologia afastou-se fundamentalmente do objetivismo para o construtivismo.

À luz dessas modificações, surge a questão de saber se podemos, ou não, descrever os psicanalistas usando experiencialmente – e não epistemologicamente – diferentes perspectivas do ouvir e do experienciar. Refiro-me a perspectivas de ouvir/experienciar para apreender nossa compreensão atual de que todas as percepções – escutas – são mediadas pela experiência e pela subjetividade do analista.

Kohut formulou e designou o método empático de observação como sendo a perspectiva fundamental da escuta para a psicanálise, tornando-a central para a psicologia do *self*. Os teóricos relacionais norte-americanos, por sua vez, criticaram a formulação de Kohut. Afora suas substanciais contribuições para o construtivismo (Hoffman, 1998; Stern, 1997), os teóricos relacionais norte-americanos (com exceção de Bromberg) tendem a não abordar diretamente a questão da perspectiva da escuta.

### **O método empático de observação**

Kohut (1959, 1982) formulou o método empático de observação, para atualizar a epistemologia psicanalítica, de acordo com o novo paradigma da ciência relativista (Fosshage, 1992). Ao fazê-lo, questionou diretamente a prática-padrão da escuta psicanalítica que estimulava o analista a dispensar aspectos cruciais da experiência articulada do paciente em prol de seu próprio saber supostamente objetivo acerca dos significados inconscientes e latentes das articulações do paciente.

Kohut (1984) admitiu “a relatividade de nossas percepções da realidade e a realidade do enquadre dos conceitos ordenadores que moldam nossas observações e nossas explicações”, sendo que “o campo que é observado inclui obrigatoriamente o observador” (Kohut, 1984, p. 41), observação que também fora feita pelo pai da análise interpessoal, H. S. Sullivan, (1953). Kohut propôs substituir a “observação objetiva” por um emprego coerente da empatia e da introspecção vicária do analista. Para examinar e compreender o modo empático de observação relativa a uma postura de ouvir/experienciar da melhor maneira possível a experiência do analisando, por meio da ressonância do afeto e da introspecção vicária, partindo de dentro do enquadre referencial do analisando.

Na formulação que fez do método empático, Kohut trouxe a experiência subjetiva do paciente diretamente para dentro de um processo clínico, até então exageradamente dominado pelo ponto de vista do analista. O modo empático tornou-se tão central, que Kohut (1977) o designou como o método pelo qual o próprio campo da psicanálise é definido.

Embora a postura de escuta (empática) tenha a finalidade de ouvir da melhor maneira possível a partir de dentro do ponto de vista do analisando, esta é claramente uma questão relativa, pois aquilo que é ouvido é sempre moldado de maneira variada pelo analista.

Essa é uma perspectiva construtivista. Entretanto, de acordo com os verdadeiros construtivistas, tenta-se avaliar a variabilidade na moldagem no palco psicanalítico por meio da avaliação, implícita ou explícita, de quem está contribuindo com o quê para as percepções e experiências do analisando e do analista e para a sua interação.



### **Vantagens e restrições do método empático de observação quando comparado ao método de observação centrado no outro**

Tentar escutar e experienciar empaticamente é algo bastante complexo, uma vez que o analista deve ainda discernir quais são os aspectos do primeiro e do segundo planos da experiência que o analisando articula. As perspectivas empática e centrada no outro de ouvir/experienciar são maneiras de tentar apreender aquilo que o analisando está dizendo e como está interagindo.

As perspectivas de ouvir/experienciar modelos teóricos mostram como outros aspectos da subjetividade moldam a experiência que se tem do analisando – a contratransferência. A psicologia do *self* aumentou a percepção da importância e da força do método empático; os objetais e os relacionistas americanos, embora não rotulem seus pontos de vistas, intensificaram a percepção da utilidade da perspectiva centrada no outro de ouvir/experienciar. O emprego oportuno da experiência derivada das duas perspectivas de ouvir/experienciar facilita e aprofunda a indagação e propicia uma compreensão mais abrangente, tanto do analisando como do analista. A predominância da utilização do método empático no primeiro ou no segundo plano ajuda a avaliar como e quando empregar terapêuticamente a informação obtida a partir das respectivas perspectivas e fornecer uma orientação.

A vantagem do método centrado no outro é que a informação obtida daí pode ser proveitosa para esclarecer como os outros podem experienciar o analisando e seus padrões interacionais. Além disso, o método pode proporcionar importante informação acerca de como um analisando se liberta de antigos padrões e estabelece expansivamente uma posição segura para novas maneiras de se relacionar.

A desvantagem é que, quando a experiência centrada no outro do analista é comunicada, ela pode estar distante demais da experiência do analisando para que este seja capaz de se apropriar dela significativamente. Nesse sentido, o analisando pode não ter facilidade em reconhecer e validar a experiência articulada pelo analista, deixando-o em suspense quanto a saber se sua intervenção é ou não significativa.

Por outro lado, a desvantagem do emprego exclusivo do método empático para proporcionar o foco interpretativo é que isso priva o analisando da resposta direta que lhe proporcionaria uma idéia de como os outros a experienciam potencialmente, reforçando com isso um mundo solipsista.

Ainda que substancialmente diferentes, as perspectivas empática e centrada no outro são empregadas, cada uma delas, para focalizar o analisando e compreendê-lo. Conquanto a análise implique um foco primário no analisando, o que pode vir para o analista em primeiro plano é a sua própria perspectiva, que reflete antes a experiência subjetiva dele como pessoa separada, e não de um foco empático ou centrado no outro. Chama-se a essa terceira perspectiva de experiência de *self* do analista. A articulação que o analista faz de sua perspectiva de *self* pode ser terapêutica numa variedade de situações clínicas. Por exemplo, enquanto o analisando pode estar às voltas com sentimentos negativos de *self*, o analista, além de compreender empaticamente esses sentimentos e suas origens no desenvolvimento, pode ainda perceber o analisando de maneira bastante diferente.

Em seguida à investigação das percepções negativas do *self* do analisando e de suas origens, em algumas ocasiões o analista pode justapor a experiência que tem do analisando bem

diretamente, tanto para esclarecer melhor as percepções negativas do analisando, como para reunir informação constante advinda do gradativo estabelecimento de novas percepções.

Contrastando a responsividade empática com a neutralidade da atitude clássica, Kohut empregou a expressão para falar do envolvimento afetivo básico indispensável e da responsividade do analista. Ao reconhecer a importância da “presença” do analista e de seu profundo envolvimento emocional, Kohut contribuiu para aquilo que os relacionistas (Bromberg, 1988; Frank, 1999; Mitchell, 1997; Renik, 1998) e psicólogos do *self* contemporâneos (Bacal, 1998; Fosshage, 1992, 1997; Orange, 1995; Slavin & Kriegman, 1992) subsequentemente enfatizaram como sendo a importância do envolvimento autêntico baseado no afeto do analista.

Os relacionistas empregam o adjetivo “autêntico” para se referir ao emprego de sua experiência afetiva – quer esta se baseie em termos próprios, numa perspectiva empática, numa perspectiva centrada no outro ou numa perspectiva do *self* do analista – com o propósito de definir melhor a interação de transferência e contratransferência. Embora essa experiência possa se basear numa única perspectiva ou numa combinação delas, os relatos clínicos dos relacionistas descrevem mais frequentemente a experiência dos analistas a partir da perspectiva centrada no outro.

#### ***Psicoanálisis relacional contemporáneo: una nueva manera de trabajar en psicoanálisis***

*Resumen:* El autor presenta un pequeño resumen histórico de la psicología psicoanalítica del self de Heinz Kohut y del apareamiento de la concepción relacional de Stephan Mitchell y Jay Greenberg en el psicoanálisis norte-americano de los años 80, en que, junto a las concepciones intersubjetivas, especialmente las de Robert Stolorow y sus colaboradores, las pusieron en otro nivel conceptual, creando un nuevo paradigma. Menciona las diversas corrientes teóricas que están dentro de este nuevo concepto de correlacionalidad e intenta establecer semejanzas y divergencias entre ellas, principalmente enfatizando las diferencias en la escucha psicoanalítica de cada una de estas corrientes e considerando las ventajas y desventajas de cada una.

*Palabras clave:* relacionalidad; contextualismo; subjetividad.

#### ***Contemporary relational psychoanalysis: a new way of working on psychoanalysis***

*Abstract:* The author presents a small historical summary on the self psychology psychoanalysis of Heinz Kohut and the appearance of the correlational conception of Stephan Mitchell and Jay Greenberg in the North-American psychoanalysis of the 80 years, which, along with the intersubjectivist conceptions, specially those of Robert Stolorow and his collaborators, put them on another conceptual level, creating a new paradigm. This study also presents several theoretical streams developed in this new correlationality concept and tries to establish similarities and divergences among them, with special emphasis on the psychoanalytical hearing differences, pointing out the advantages and disadvantages of each one of them.

*Keywords:* relationality; contextualism; subjectivity.

#### **Referências**

- Aron, L. (1996). *A meeting of minds mutuality in psychoanalysis*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.  
 Benjamin, J (1988). *The bonds of love*. New York: Pantheon Press.

- \_\_\_\_\_ (1990). An outline of intersubjectivity: the development of recognition. *Psychoanalytic Psychology*, 7:33-46.
- Davies, J. (2002). *Whose bad objects are these anyway? Repetition and our elusive love affair with will*. Presented at the First Annual Conference of the International Association for Relational Psychoanalysis and Psychotherapy, New York City, January 19, 2002.
- Fosshage, J. (1997). Listening/experiencing perspectives and the quest for a facilitative responsiveness. In A. Goldberg (ed.), *Conversations in self psychology: Progress in self psychology*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- \_\_\_\_\_ (1999). *Forms of relatedness and analytic intimacy*. Presented at the 22nd Annual International Conference on the Psychology of the Self, Toronto.
- \_\_\_\_\_ (2000). The meanings of touch in psychoanalysis: a time for reassessment. *Psychoanalytic Inquiry*, 20:21-43.
- Greenberg, J. (2001). The analyst's participation. A new look. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 49:359-381.
- Hoffman, I. (1998). *Ritual and spontaneity in the psychoanalytic process*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Kohut, H. (1959). Introspection, empathy and psychoanalysis. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 7:450-483.
- \_\_\_\_\_ (1984). *How does analysis cure?* Chicago: University of Chicago Press.
- Mitchell, S. (1988). *Relational concepts in psychoanalysis*. Cambridge: Harvard University Press.
- \_\_\_\_\_ (1990). A relational view. *Psychoanalytic Inquiry*, 20:65-81.
- \_\_\_\_\_ (1993). *Hope and dread in psychoanalysis*. New York: Basic Books.
- \_\_\_\_\_ (1997). *Influence and autonomy in psychoanalysis*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- \_\_\_\_\_ (2000). *Relationality: from attachment to intersubjectivity*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- \_\_\_\_\_ (2002). *Can love last? The take of romance over time*. New York: W.W. Norton.
- Pizer, S. (1998). *Building bridges: the negotiation of paradise in psychoanalysis*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Stolorow, R. (1997). Dynamic, dyadic, intersubjective systems: an evolving paradigm for psychoanalysis. *Psychoanalysis Psychoanalytic Psychology*, 14:337-346.
- Teicholz, J. (1999). *Kohut, Loewald, and the postmoderns*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.

[Recebido em 19.7.2007; aceito em 16.1.2008]

Pedro Gomes

[Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro SBPR]

Praia de Botafogo, 210/203

22250-040 – Rio de Janeiro RJ – Brasil

Tel. 55 21 2551-4709

pgomes@centroin.com.br